

DOS TAPES, DOS PATOS E DOS CERRITOS; OS NATIVOS PELOTENSES.

ANA PAULA BARCELOS¹; TICIANE PINTO GARCIA BARBOSA²; PAULO
RICARDO PEZAT³

¹Universidade Federal de Pelotas – anahpbarcelos@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – tycygarcia@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – paulo.pezat@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte integrante da pesquisa que está sendo desenvolvida para o trabalho de conclusão de curso (TCC) de Licenciatura em História na Universidade Federal de Pelotas.

Esta pesquisa foi estruturada pensando de que forma abordaríamos a gênese do município de Pelotas, mas ao iniciarmos a coleta do material bibliográfico, sentimos a necessidade de contextualizar os habitantes nativos dessa localidade.

Trata-se de uma lacuna existente na historiografia do município, e que em nosso entendimento precisa ser discutida; o apagamento e invisibilidade das populações indígenas historicamente.

Antes dos primeiros europeus pisarem neste chão rodeado de águas, charcos, arroios, mangueiras e sumidouros, quem eram, e onde viviam os donos nativos desta terra? Perguntas com respostas difíceis, pois a historiografia que trata dos povos indígenas tem se mostrado insipiente e sintética, o que dificulta sua investigação. Na escola aprendemos que os índios eram selvagens, andavam nus, caçavam, pescavam, plantavam, que não tinham fé, lei, nem rei. (Del Priori, 2010. p. 13).

Quase como via de regra os estudos que tratam da história de Pelotas versam sobre a constituição, estabelecimento e apogeu das charqueadas, (MAGALHÃES, 1993). O trabalho e sangue escravo, (CARDOSO, 1977). Arquitetura e urbanismo, (GUTIERREZ, 2004). Literatura, imprensa, dentre outros assuntos ligados ao ciclo econômico das charqueadas, e como produto desse período de opulência, verificamos as vistosas consequências para determinadas parcelas da sociedade.

Apesar de saber da existência de indígenas nessa região a partir das pesquisas arqueológicas, é praticamente inexistente na fala dos historiadores deste período esta presença. Mesmo após as mudanças ocorridas no modo de se pensar e escrever a história em meados do século XX, com a escola dos annales, o historiador ainda tem dificuldades ao trabalhar com civilizações agrafas.

Fernando Osorio em seu célebre livro, *A Cidade de Pelotas* (1922), nos oferece uma importante pista acerca de uma possível herança desses nativos, na atual Rua Benjamim Constant, região do porto da cidade, que outrora se chamava Rua da Indígena (OSORIO, 1922, p. 120).

No artigo intitulado ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA INDÍGENA EM PELOTAS, publicado nos Anais da II Jornada de Estudos Genealógicos, IV Seminário de História e Geografia, III Encontro dos IHGs/RS, Rafael Guedes Milheira nos oferece algumas coordenadas sobre a localização desses habitantes nativos:

Grupos cerriteiros: grupos de caçadores-pescadores-coletores que habitaram a região pampiana e litorânea que envolve o sul do Estado do Rio Grande do Sul, o território uruguaio e o nordeste argentino. Na região da Laguna dos Patos são comumente encontrados em áreas alagadiças conhecidas como banhados, sendo estas construções datadas de 2500 A.P. até 200 A.P. (SCHMITZ, 1976). Os “*Cerritos de índios*” são entendidos, arqueologicamente, como resultado da ocupação dos grupos Charrua e Minuano e são geralmente tratados pelos arqueólogos como áreas de moradia, cemitérios, demarcadores de fronteiras sociais, monumentos de memória e identidade e marcos na paisagem. (MILHEIRA, 2012. P. 36).

2. METODOLOGIA

Buscamos através de um levantamento bibliográfico encontrar dados referentes à história indígena na região de Pelotas e arredores, nessa pesquisa incluímos livros, almanaques, artigos e revistas. Com as informações coletadas podemos traçar mapas evidenciando a presença indígena em nossa região.

A partir do método indiciário apresentado por Carlo Ginzburg (1989), e algumas suposições que versam sobre o tema indígena na cidade de Pelotas, podemos remontar uma realidade complexa acerca dessa conjuntura.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultado verificamos através das coordenadas apresentadas pelos autores a presença indígena na constituição da cidade de Pelotas. Das poucas pistas que encontramos na bibliografia utilizada compreendemos que eles habitavam as encostas dos arroios e rios, estavam presentes também nas coxilhas e campanhas, num abraço envolvente no futuro continente do Rio Grande de São Pedro do Sul.

Desde o período pré-colonial foi traçado um panorama multi-cultural da laguna que envolve quatro culturas arqueológicas que ocuparam o litoral ao longo dos últimos 6 mil anos. Esses quatro tipos culturais são agentes do processo histórico-cultural, dominando regiões amplas na costa litorânea e, por vezes articulando-se entre si através de diferentes formas de contatos culturais. Ao longo da história da Laguna dos Patos vemos que as diferentes populações que ocuparam este ambiente tiveram distintos interesses e buscaram se assentar de diversas formas em busca de contemplar esses interesses. (MILHEIRA, 2012. p. 35).

O trabalho também faz uma reflexão acerca da situação desses povos, que de donos absolutos do território hoje encontram-se drasticamente reduzidos em sua população.

Se a Rua Benjamim Constant, chamava-se Rua da Indígena, e está situada muito próxima ao São Gonçalo região aquífera da cidade, podemos supor que haveria ali uma ocupação nativa. Podemos ilustrar essa proximidade a partir da figura abaixo.



Figura 1, atual Rua Benjamin Constant, outrora Rua da Indígena. (google maps)

4. CONCLUSÕES

Depois da escravização e genocídio desses povos originais, o homem “civilizado” e sua literatura trataram de construir uma imagem romântica de um nativo que já não existia, jazia, ou um que nunca existiu, como no caso do famoso romance; O Guarani, de José de Alencar (1950). Peri é um índio idealizado, europeizado, que jaz. Essa corrente cultural colocou os “Peris” na alegoria de um pedestal, teoricamente como um dos agentes fundadores do país.

O censo de 2010 nos mostra que menos de 1% da população de pelotas declarou-se indígena. De donos naturais da terra, passaram a ser segregados socialmente.

Na atualidade as populações indígenas lutam para permanecer nas terras que lhe restaram, os que vivem nas cidades estão jogados em terrenos baldios, sem a mínima estrutura, entregues a própria sorte.

Vemos alguns vendendo artesanato pelas ruas centrais da cidade, trilhando na beira das BRs em situação de sobrevivência precária.

Este trabalho pretende mesmo que superficialmente fazer um novo alerta acerca da situação dessas pessoas, desses povos que foram quase que totalmente exterminados, retirados de seu habitat natural e hoje dependem de políticas públicas comprovadamente falhas e ineficientes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, J. de. **O Guarani**. Rio de Janeiro. Editora W. M. Jackson, 1950
GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo. Ed. Companhia das Letras. 1989.

GUTIERREZ, E. **Barro e sangue: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas(1777-1888)**. Pelotas: Universitária UFPEL, 2004.

MAGALHÃES, M. O. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)**. Pelotas: EdUFPEL: Co-edição Livraria Mundial, 1993.

MILHEIRA, R. G. ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA INDÍGENA EM PELOTAS. **Anais da Jornada de Estudos Genealógicos**: (2:2012: Pelotas, RS). Anais.../ org., Maria Roselaine Santos. Porto Alegre: Pacartes, 2012.

OSORIO, F. **A Cidade de Pelotas**. Pelotas: Editora Armazém Literário, 1998.

GOOGLE MAPS.2016.Acessado em 08 de ago. 2016.Online. Disponível em:
<https://www.google.com.br/maps/place/R.+Benjamin+Constant+-+Centro,+Pelotas+-+RS/@-31.78125,-52.3405984,17z/data=!4m5!3m4!1s0x9511b5ea68e2c8f3:0x1f1582ffbde68b26!8m2!3d-31.7793804!4d-52.3408022>

IBGE.**Censo**.2010.Acessado em 08 de ago. 2016. Online. Disponível em:
<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=431440>.